

O CHAMADO PARA O SERVIÇO • J. HUDSON TAYLOR

James Hudson Taylor, fundador da China Inland Mission (Missão Para o Interior da China), foi precursor de uma nova era em missões protestantes.

Em “O Chamado Para O Serviço,” Taylor descreve o seu preparo espiritual, acadêmico e prático para obra missionária. Depois de sete anos na China com a missão Chinese Evangelization Society (Sociedade de Evangelização Chinesa), ele foi compelido a regressar à Inglaterra em 1860, por conta de enfermidade. A New Agency Needed (Uma Nova Agência é Necessária) detalha as crescentes convicções de Taylor, quanto aos cinco anos seguintes em que Deus o chamara para assumir responsabilidade pessoal, por milhões de pessoas nas províncias do interior da China, formando uma agência missionária, exclusivamente enfocada nestes.

Suas reflexões pessoais dão uma visão convincente de mordomia piedosa, onde todos os dons, talentos, tempo e posses são utilizados completamente na adoração e no serviço ao Senhor.

O Chamando Para o Serviço

Os primeiros regozijos pelas conversões cessaram depois de um tempo, e foram sucedidos por um período de morte dolorosa da alma, com muito conflito. Mas isto também veio ao fim, deixando uma sensação profunda de fraqueza e dependência espiritual no Senhor como o único Guarda, assim também como Salvador do Seu povo. Quão doce é o repouso tranquilo da confiança no Pastor de Israel, à alma deprimida e desapontada em sua luta contra o pecado.

Poucos meses após a minha conversão, enquanto desfrutava de uma tarde livre, eu retirei-me ao meu próprio quarto, para passar grande parte do meu tempo livre em comunhão com o Senhor. Como eu me lembro bem daquela ocasião! Como, na alegria do meu coração, eu derramei a minha alma diante de Deus; confessando, vezes após vezes, o meu amor, repleto de gratidão, por Ele que havia feito tudo por mim — que havia me salvado quando eu havia perdido toda esperança, e até mesmo o desejo de salvação — eu implorei a Ele que me desse algum trabalho para fazer para Ele, como um meio de gratificação e amor; algum serviço de auto-negação, não importava o que este fosse, difícil ou trivial; algo que fosse agradável a Ele, e que eu pudesse fazer para Ele, que havia feito tanto por mim. Eu me recordo bem de como, em consagração sem reservas, eu pus a mim mesmo, minha vida, meus amigos, todo o meu ser sobre o altar, uma solenidade profunda veio sobre a minha alma, com a certeza de que minha oferta havia sido aceita. A presença de Deus tornou-se inefavelmente real e abençoadora; e, embora uma criança com menos de dezesseis anos de idade, eu me lembro de me estirar no chão, e deitar-me ali em silêncio diante dEle, em temor e alegria inexprimíveis.

Eu não sabia à qual serviço eu havia sido aceito, mas uma sensação profunda de que eu não mais pertencia a mim mesmo tomou posse de mim, o que desde então nunca mais se apagou. Esta foi uma sensação muito prática. Dois ou três anos mais tarde, propostas de natureza estranhamente favorável me foram feitas, com relação à medicina, sob a condição de eu me tornar aluno do médico que era meu amigo e professor. Mas eu achei que não deveria ousar a aceitar qualquer contrato constringente tal como este. Eu não pertencia a mim mesmo para poder me doar assim, pois eu não sabia quando ou como Ele, a quem eu unicamente pertencia, e a quem eu sentia que deveria me manter livre a fim de estar à sua disposição, poderia me chamar para o serviço.

Dentro de poucos meses após este tempo de consagração, a impressão foi operada em minha alma, de que era na China onde o Senhor me queria. A mim parecia muito provável que a obra à qual deste modo eu fora chamado, poderia custar-me a vida, pois a China não era aberta como o é agora. Mas algumas sociedades missionárias tinham, naquela época, obreiros na China, porém poucos livros sobre

o tema missões na China eram acessíveis a mim. Eu aprendi, entretanto, que o ministro congregacional de minha cidade de origem possuía uma cópia da obra de Walter Henry Medhurst, *China*, e eu fui vê-lo para lhe pedir o livro emprestado. Ele gentilmente concordou com isto, perguntando-me por que eu queria lê-lo. Eu disse a ele que Deus havia me chamado para eu passar a minha vida na obra missionária naquele país. “E como você propõe chegar até lá?” Perguntou-me ele. Eu respondi que não sabia mesmo. Que para mim parecia provável que eu precisaria fazer como os Doze e os Setenta haviam feito na Judéia – ir sem bolsa ou saco de viagem, na total dependência dEle, que havia me chamado a fim de suprir todas as minhas necessidades. Repousando a sua mão gentilmente sobre o meu ombro, o ministro respondeu, “Ah meu rapaz, quando você for mais velho, será mais sábio. Tal idéia seria muito boa nos dias em que o próprio Cristo estava na terra, mas não agora.”

Desde então eu fiquei mais velho, mas não fiquei mais sábio. Eu estou convencido mais do que nunca, de que se nós tomarmos a direção do nosso Mestre, e a confiança de que Ele deu aos seus primeiros discípulos como nosso guia completo, nós descobriremos que elas são tão adequadas aos nossos dias, quanto àqueles aos quais elas foram primeiramente proferidas.

O livro de Medhurst sobre a China enfatiza o valor de missões médicas naquele país, e isto conduziu a minha atenção aos estudos médicos, como um modo de preparo de grande valor.

Meus amados pais nem desencorajaram nem encorajaram o meu desejo de me engajar na obra missionária. Eles me aconselharam, com tamanha convicção, a usar todos os meios que eu pudesse para desenvolver meu corpo, mente, coração e alma, e aguardar a resposta de Deus em oração, praticamente desejosos que Ele me revelasse que eu estava errado, ou que seguisse o seu direcionamento ou avançasse, se em tempo oportuno Ele abrisse o caminho para a obra missionária. Eu freqüentemente tenho tido oportunidades para provar a importância deste conselho. Eu comecei a fazer mais exercícios ao ar livre para robustecer o meu corpo físico. Eu me desfiz da minha cama de colchão de penas, e procurei me desfazer de muitos outros confortos domésticos quanto podia, a fim de preparar-me para uma vida mais dura. Eu também comecei a fazer a obra cristã, dentro do que eu podia, na forma de distribuição de folhetos, como professor na escola bíblica dominical e visitando os pobres e enfermos, conforme surgiam oportunidades.

Após um período em casa de estudo preparatório, eu fui para a cidade de Hull, para estudar medicina e cirurgia. Lá eu me tornei auxiliar de um médico cirurgião ligado ao *Hull School of Medicine* (Faculdade de Medicina de Hull), que trouxe muitos casos de acidentes para o nosso ambulatório, e me deu muitas oportunidades para assistir e praticar pequenas cirurgias.

E ali aconteceu algo que eu não posso deixar de mencionar. Antes de sair de casa, a minha atenção fora atraída à questão de separar os primeiros frutos de todo lucro, e apresentar parte dos bens ao serviço do Senhor. Eu achei que seria bom estudar a questão com minha Bíblia em mãos, antes de ir embora, e ser colocado em situações que pudessem influenciar as minhas conclusões, pela pressão da necessidade e dos cuidados ao meu redor. Por isso, eu fui levado à determinação de separar não menos do que a décima parte de qualquer dinheiro que eu ganhasse ou tivesse posse para o serviço do Senhor. O salário que eu recebia como médico auxiliar em Hull na época, me teria permitido fazê-lo com facilidade. Mas devido a mudanças na família de meu amável amigo e empregador, foi necessário que eu residisse em outro lugar. Aposentos confortáveis foram conseguidos com um parente, e além do valor determinado como remuneração pelo meu trabalho, eu recebia o valor exato que teria que pagar com casa e comida.

Ora, surgiu na minha mente a pergunta, “Eu também não deveria pagar o dízimo deste dinheiro?” Isto certamente fazia parte da minha renda, e eu cria que se isto fosse uma questão de imposto de renda do governo, certamente não teria sido excluído. Por um outro lado, tirar o dízimo de tudo, não me deixaria com suficiente dinheiro para outros propósitos; e durante um breve período, eu fiquei muito constrangido para saber o que fazer. Depois de pensar e orar bastante, eu fui levado a ir embora do confortável aposento e do alegre círculo no qual eu estava residindo, e ocupar um pequeno quarto afastado da cidade – um conjugado – encarregando-me do aluguel.

Deste modo eu pude, sem dificuldade, dar o dízimo de toda a minha renda. E enquanto eu sentia muito a mudança, a mesma era atendida com grandes bênçãos.

Mais tempo foi dado à minha solitude para o estudo da Palavra de Deus, para visitar os pobres e para o trabalho evangelístico nas noites de verão, do que do contrário teria acontecido. Trazido em contato com muitos aflitos deste modo, eu logo percebi o privilégio de economizar ainda mais, e descobri que não era difícil doar muito mais do que a proporção da minha renda, conforme era a minha intenção inicial.

Aproximadamente nesta época, um amigo chamou a minha atenção à questão da vinda pessoal e pré-milenar do nosso Senhor Jesus Cristo, e deu-me uma lista de passagens bíblicas que falam sobre isto, sem observação ou comentário, aconselhando-me a ponderar o assunto. Por um tempo, eu dediquei bastante tempo ao estudo das Escrituras sobre o assunto, como resultado eu fui levado a ver que este mesmo Jesus, que deixou a nossa terra no Seu corpo ressurreto, iria voltar novamente, que Seus pés estariam sobre o Monte das Oliveiras, e que Ele tomaria posse do trono temporal de Seu pai Davi, o qual fora prometido antes do Seu nascimento. Eu vi, além disso, que através de todo Novo Testamento, a vinda do Senhor era a grande esperança do Seu povo, e sempre seria o maior motivo para a sua consagração e o seu serviço, e o maior consolo na prova e aflição. Eu também aprendi que o tempo da Sua volta ao seu povo não foi revelado, e que era um privilégio viver cada dia, cada hora como homens que esperam pelo Senhor, que por isso era irrelevante, por assim dizer, viver como se Ele viesse não em alguma hora específica; o importante é estarmos prontos para Ele, para que possamos, seja quando Ele aparecer, prestar conta do exercício das nossas vidas com alegria e não com pesar. O efeito desta esperança abençoada foi completamente prático. Isto levou-me a examinar cuidadosamente a minha pequena biblioteca, para ver se havia algum livro que não era necessário ou que poderia possivelmente ser de mais utilidade, e examinar meu pequeno armário, para ter toda a certeza de que ele não continha nada que me fizesse lamentar quando eu fosse dar conta dele, se o Mestre viesse imediatamente. O resultado foi que a biblioteca foi diminuída consideravelmente, para o bem da minha própria alma, e que eu descobri ter vestimentas que também poderiam ser mais úteis em outros lugares.

Para mim tem sido muito útil, de tempos em tempos, conforme a oportunidade tem surgido, agir mais uma vez de maneira parecida. E eu nunca vasculhei minha casa, do porão até o sótão, com este objetivo em mente, sem receber um grande acréscimo de alegria espiritual e de bênção. Eu creio que todos nós corremos o risco de acumular coisas — pode ser por desatenção ou por pressão da ocupação — coisas que seriam úteis para outros, ao mesmo tempo em que não é necessário a nós, e a retenção dos quais implica perda de bênção. Se todos os recursos da Igreja de Deus fossem utilizados, muito mais seria alcançado! Quantas pessoas pobres poderiam ser alimentadas, e quantas pessoas nuas poderiam ser vestidas, e quantos daqueles que ainda não foram alcançados pelo evangelho poderiam ser persuadidos! Permita-me dar um conselho: quanto às coisas como um hábito constante da mente, e um curso lucrativo para ser adotado na prática, sempre que as circunstâncias permitirem.

Uma Nova Agência é Necessária

“Os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos, declara o SENHOR. Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os seus pensamentos” (Isaías 55:8, 9). Quão verdadeiras são estas palavras! Quando o Senhor está trazendo bênção na melhor maneira possível, quão freqüentemente os nossos corações descrentes sentem, ou dizem, como Jacó nos tempos antigos, “Tudo isto está contra mim.” Ou estamos cheios de medo, como os discípulos quando o Senhor, andando sobre o mar, acalmou o mar, e os levou ao seu porto desejado. E, no entanto, simples bom-senso deveria nos dizer que Ele, cujo caminho é perfeito, não pode cometer erros; que Ele que nos prometeu “aperfeiçoar aquilo que nos concerne”, e cujo cuidado constante conta cada fio do nosso cabelo, e forma as circunstâncias para nós, deve conhecer melhor do que nós o caminho para fazer avançar os nossos mais verdadeiros interesses e glorificar o Seu próprio nome.

“A descrença cega certamente erra,
e examina a Sua obra em vão;
Deus é o Seu próprio Intérprete,
E Ele a tornará clara.”

A mim parecia uma grande calamidade que uma saúde debilitada me compelissem à renúncia do meu trabalho para Deus na China, exatamente quando este era mais frutífero do que nunca. E deixar um pequeno grupo de cristãos em Ningpo, necessitado de muito mais cuidado e ensino, era uma grande tristeza. E a tristeza não foi menor quando, ao chegar à Inglaterra, a declaração médica me garantiu que regressar à China, pelo menos nos próximos anos, seria impossível. Pouco eu sabia que a longa separação da China era um passo necessário para a formação da obra que Deus faria, quando Ele abençoou a *Missão Para o Interior da China*. Quando no campo, as exigências ao meu redor eram tão grandes, que eu não podia pensar muito sobre as maiores necessidades das regiões localizadas mais ainda no interior do país, e se pensava nelas, não havia nada que eu pudesse fazer por elas. Mas enquanto detido por alguns anos na Inglaterra, observando todo o país diariamente no grande mapa da parede de minha sala de estudo, eu estava tão perto das vastas regiões do Interior da China, quanto das pequenas regiões nas quais eu havia trabalhado pessoalmente para Deus. E a oração era freqüentemente o único meio pelo qual o coração sobrecarregado poderia obter algum alívio.

Enquanto a ausência da China parecia inevitável, a questão seguinte era como melhor servir à China da Inglaterra; e isto me ocupou por vários anos, com o falecido Rev. F. E Gough, da missão *Church Mission Society* (Sociedade Missionária da Igreja), na revisão de uma versão do Novo Testamento, na língua coloquial de Ningpo, para a sociedade bíblica *British and Foreign Bible Society*. Ao incumbir-me deste trabalho em minha miopia, eu não percebi nada além do uso que aquele Livro, e as referências à margem, teria sobre os cristãos nativos, mas eu havia visto freqüentemente deste então que, sem aqueles meses alimentando e banquetecendo na Palavra de Deus, eu teria estado completamente despreparado para realizar, naquela condição presente, uma missão como a Missão para o Interior da China.

No estudo de *Divine Word I* (A Palavra Divina 1), eu aprendi que, para obter obreiros bem-sucedidos, não planejar pedidos de ajuda, mas primeiro, fazer oração intensa a Deus para enviar obreiros e segundo, e o aprofundamento da vida espiritual da Igreja, para que homens pudessem permanecer em seu país, é o que era necessário. Eu vi que o plano apostólico não era levantar modos e meios, mas ir e realizar a obra, confiando em Sua Palavra certa que diz, “Busquem, pois, o Reino de Deus, e essas coisas lhes serão acrescentadas.”

Enquanto isso as orações por obreiros para Chehkiang estavam sendo respondidas. O primeiro obreiro, o Sr. Meadows, navegou para China com sua jovem esposa em janeiro de 1862, através da gentil cooperação e ajuda do nosso amigo, o Sr. Berger. O segundo, deixou a Inglaterra em 1864, tendo a sua passagem fornecida pela missão *Foreign Evangelization Society* (Sociedade de Evangelização Estrangeira). O terceiro e quarto chegaram a Ningpo em 24 de julho de 1865. Um quinto obreiro logo os seguiu, chegando a Ningpo em setembro de 1865. Por isso a oração pelos cinco obreiros foi totalmente respondida, e nós fomos encorajados a buscar a Deus para realizar coisas maiores.

Meses de oração intensa, e não de algumas tentativas fracassadas, haviam resultado numa convicção profunda de que uma agência missionária especial era essencial para a evangelização do interior da China. Naquela altura eu não só tinha a ajuda de oração e conferência diária, com meu amado amigo e companheiro de trabalho, o falecido Rev. F. F. Gough, como também a ajuda e os conselhos valiosos do Sr. e da Sra. Berger, com quem eu e minha querida esposa (cuja opinião e piedade foram de valor inestimável naquela época) passamos muitos dias em oração. A grande dificuldade de possivelmente interferir com a obra de missionários existentes no nosso país foi prevista, mas foi concluído que, através da simples confiança em Deus, uma agência missionária apropriada poderia ser estabelecida e sustentada, sem interferir de modo prejudicial com qualquer obra existente. Eu tinha também uma convicção crescente de que Deus queria que eu o buscasse para obter os obreiros necessários, e avançar com eles. Mas durante um longo tempo, a falta de fé impediu-me de dar o primeiro passo.

Quão inconsistente é sempre a falta de fé! Eu não tinha dúvida de que, se eu orasse por obreiros “no nome” do Senhor Jesus Cristo, eles seriam enviados. Eu não tinha dúvida de que, em resposta a tal oração, os meios para o nosso avanço seriam supridos, e que portas seriam abertas diante de nós, em partes do Império não alcançado. No entanto, eu então não havia aprendido a confiar nEle para conceder-me força e graça; assim não foi de surpreender que eu não conseguia confiar nEle para enviar outros obreiros, que pudessem estar dispostos a partir comigo. Eu temia que em meio aos perigos, às dificuldades e provas que estariam necessariamente ligados a tal obra, alguns que eram cristãos comparadamente inexperientes, poderiam ficar aflitos e repreender-me amargamente por eu tê-los encorajado a incumbirem-se de tal iniciativa, à qual eles eram inapropriados.

No entanto, o que eu deveria fazer? O sentimento de grande culpa tornou-se mais e mais intenso. Porque eu recusei-me a pedi-los, os obreiros simplesmente não vieram — não partiram para a China — e todos os dias, milhares de milhares estavam indo para sepulturas sem Cristo! O perecimento da China enchia tanto o meu coração e a minha mente, que eu não tinha descanso durante o dia, e pouco sono à noite, até que a saúde esgotou-se. Sob o convite de meu amado e honrado amigo, o Sr. George Pearse (outrora da Bolsa de Valores), eu fui passar alguns dias com ele em Brighton.

Um domingo, no dia 25 de junho de 1865, não mais podendo suportar ver uma congregação de mil ou mais cristãos regozijando-se em sua própria segurança, enquanto milhões estavam perecendo por falta de conhecimento, eu divaguei sozinho sobre a areia, em grade agonia espiritual, e ali o Senhor venceu a minha falta de fé, e eu me rendi a Deus para fazer a sua obra. Eu disse a Ele que toda a responsabilidade quanto aos resultados e as conseqüências seriam deixados com Ele, que como Seu servo, era a minha responsabilidade obedecê-lo e segui-lo — e a Sua, dirigir-me, guiar-me e cuidar de mim e daqueles que poderiam vir a trabalhar comigo. Eu preciso dizer que uma paz imediatamente fluiu dentro do meu coração sobrecarregado? Imediatamente eu lhe pedi vinte e quatro companheiros de trabalho, dois para cada uma das onze províncias no interior, as quais não tinham presença missionária, e dois para a Mongólia. E escrevendo a petição sobre a margem da Bíblia que eu carregava comigo, eu regresssei para casa com um

coração desfrutando de um descanso à qual, durante meses, havia estado desacostumado, e com uma confiança de que o Senhor abençoaria a Sua obra, e que eu deveria ter participação na bênção. Eu havia orado anteriormente e pedido oração para que obreiros pudessem ser levantados, impulsionados e supridos para as onze então desocupadas províncias, mas não havia rendido-me para ser o seu líder.

Aproximadamente naquela época, com a ajuda da minha esposa, eu escrevi o pequeno livro, *China's Spiritual Need and Claims* ("As Necessidades e os Clamores Espirituais da China"). Cada parágrafo fora encharcado por oração. Com a ajuda do Sr. Berger, que havia sido uma ajuda valiosa na revisão do manuscrito, e que arcou com os gastos da impressão de 3,000 cópias, logo elas foram estavam em circulação. Eu falei publicamente sobre a obra proposta conforme a oportunidade permitia, especialmente nas Conferências de Perth e Mildmay de 1865, e continuei em oração para que Deus enviasse companheiros de trabalho, que logo foram respondidas, e depois de uma correspondência, foram convidados à minha casa, na então região Leste de Londres. Quando uma casa tornou-se insuficiente, o ocupante da casa anexa mudou-se e eu pude alugá-la. E quando aquela por sua vez tornou-se insuficiente, mais acomodação foi providenciada nas proximidades. Logo havia um número de homens e mulheres em treinamento preparatório, e engajados em trabalho evangelístico, o qual testava em alguma medida, sua capacidade como ganhadores de almas.

"O Chamado Para O Serviço" foi extraído do A Retrospect (Um Retrospecto) da missão Overseas Missionary Fellowship; sem data; esfera pública. Copyright 2001 Campus Crusade for Christ, Inc. (Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo). Todos os direitos reservados. Este estudo pode ser copiado, sem alterações, para o uso em ministério pessoal.